



O plenário da reunião FMI/Bird: quase vazio.

# Funaro otimista: o Brasil pode obter um bom acordo.

Num balanço preliminar das conversas que manteve com credores nos últimos dias, Funaro voltou a insistir em que houve um avanço significativo no trabalho de convencimento dos países-membros do Clube de Paris a reabrir as agências oficiais de crédito para o Brasil e na tentativa de mostrar aos banqueiros que o impotente para ambas as partes é a normalização do mercado financeiro internacional.

"Estamos agora muito mais próximos de uma mudança no conceito de relacionamento entre devedores e credores, e da adoção de mecanismos mais flexíveis que permitam avaliações de caso a caso." Após muita insistência, Funaro concordou em comentar a declaração do sub-secretário do Tesouro norte-americano, que afastou qualquer possibilidade de liberação de recursos novos para o Brasil sem o aval do FMI. "Cada um entende de seu país. Cabe ao governo brasileiro saber como deve conduzir a negociação de sua dívida. Quando insistimos na necessidade de reduzir as transferências de recursos para o Exterior, não o fazemos por capricho. É exatamente uma necessidade interna", disse o ministro.

## Plano Cruzado

Funaro negou que o governo esteja propenso a adotar um aumento do Imposto de Renda na fonte para conter a demanda. "Não temos o direito — disse o ministro — de tomar medidas para conter a demanda, que foi propositalmente ampliada na faixa de menor poder aquisitivo, um dos objetivos do Plano Cruzado."

O ministro afastou também a possibilidade de algumas mudanças no congelamen-

to de preços e disse que o governo não está gastando mais este ano, como insinuam alguns observadores, que denunciavam aumento de gastos com objetivos eleitorais. Neste sentido, mencionou o fechamento de agências da Caixa Econômica Federal como consequência dos cortes que o governo está fazendo para conseguir maior eficiência. Manifestou a expectativa de que os funcionários dessas agências sejam facilmente absorvidos pelo mercado de trabalho.

O ministro da Fazenda garantiu que o governo será extremamente rígido com o programa de estabilização de preços e que a situação deverá normalizar-se com o restabelecimento do equilíbrio entre a oferta e a procura.

Pouco antes de embarcar ontem de volta ao Brasil, o ministro da fazenda Dílson Funaro admitiu que será possível reduzir em aproximadamente US\$ 2,5 bilhões por ano o serviço da dívida externa, baixando o total, que nos últimos anos se tem mantido ao redor de US\$ 9,5 bilhões, para cerca de US\$ 7 bilhões. Esta redução significaria que o serviço da dívida passaria a corresponder aos 2,5% do produto interno bruto previsto para o próximo ano, percentual que o governo considera viável com a realização de um crescimento econômico sustentado em torno de 6 a 7% ao ano. Esta redução poderia ser facilmente obtida com a substituição de alguns empréstimos que foram contratados com base na *prime rate* por novos contratos lastreados na *libor*, pela redução das taxas de risco e pela queda dos juros. O ministro disse, porém, que esses valores e esse percentual não foram colocados na mesa de negociação.